

DIÁLOGOS COLABORATIVOS PARA A FORMAÇÃO NA EJA: O CONTEXTO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Naiara de Oliveira Rosa Oliveira Rosa¹

RESUMO: O estudo correlaciona as relações de gênero com a Educação de Jovens e Adultos. Tivemos o objetivo de analisar as possibilidades de construção da temática gênero em conjunto com a EJA. O *lócus* do estudo foi uma escola municipal com a colaboração dos discentes e o docente da turma de EJA. E com a finalidade de compartilharmos espaços dialógicos da temática, optamos por uma pesquisa de metodologia colaborativa. Como estratégia para produção de dados, realizamos sessão coletiva de diálogo com os princípios da colaboração e da pesquisa-formação. Logo, o estudo demonstra possibilidades formativas da temática na escola; dialógicos estabelecidos viabilizaram desvelar nos dizeres dos/as partícipes, suas relações familiares, domésticas e profissionais literalmente conectadas a temática. Concluimos que, em colaboração com os sujeitos da EJA, foram provocadas sensações que fazem refletir sobre a pertinência e a essência formativa da temática.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos. Relações de Gênero. Diálogo Colaborativo

COLLABORATIVE DIALOGUES FOR EJA TRAINING: THE CONTEXT OF GENDER RELATIONS

ABSTRACT: The study correlates gender relations with youth and adult education. We aimed to analyze the possibilities of building the gender theme in conjunction with the EJA. The locus of the study was a municipal school with the collaboration of the students and the teacher of the class of EJA. And in order to share dialogical spaces of the theme, we opted for a collaborative methodology research. As a data production strategy, we held a collective dialogue session with the principles of collaboration and research-training. Therefore, the study demonstrates formative possibilities of the subject in the school; dialogical established made it possible to reveal in the sayings of the participants, their family, domestic and professional relations, literally connected to the thematic. We conclude that, in collaboration with the subjects of the EJA, sensations were provoked that reflect on the pertinence and the formative essence of the theme.

KEY-WORDS: Youth and Adult Education. gender relations. Collaborative Dialogue

¹ Mestre em Educação (MPEJA/UNEB), graduada em Ciências Biológicas (Licenciatura) (UNEB), Especialista em Meio Ambiente e Sustentabilidade. Realiza pesquisas na área de Formação de Professores na dimensão de ações pedagógicas colaborativa. Universidade do Estado da Bahia.

INTRODUÇÃO

A educação escolar tem como função desenvolver uma prática formativa planejada e sistematizada durante um longo período na vida dos sujeitos. E isso implica em práticas interventivas em âmbito de formação. Formação atenta à necessidade de se preparar os indivíduos para a vivência contextualizada de elementos que entrelacem a formação humana, entrelaces estes que possibilitem discussões das relações de gênero.

Assim, questões relacionadas à temática de gênero estão chegando à escola e invadindo o campo de estudos da educação. Podemos inferir que está temática possibilita reflexões que nos fascinam, perturbam, incitam curiosidades, desejos e estão por toda parte. Tal destaque deve-se, dentre outros motivos, ao fato de serem temáticas que rompem paradigmas tradicionalmente formados e alicerçados na mente das pessoas. Ademais as relações de gênero não têm pontos de contato apenas com questões puramente biológicas, mas abarcam essencialmente uma pluralidade de vivências e saberes, em contexto histórico, social e cultural.

Nesse contexto, entendemos que a Escola, em todas as modalidades, principalmente na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA, é responsável, dentre outras coisas, pelo preparo das pessoas para a vida social, mediante colaboração efetiva na compreensão da diversidade humana, em atitudes que condizem com a construção do conhecimento – atitudes indispensáveis para o bom convívio social em processo formativo.

Ao tomar a Educação como âmbito da construção de sujeitos e de subjetividades, propomos reflexões sobre o conceito de gênero no bojo das relações entre sujeitos homens e mulheres na esfera da formação humana. Para Louro (1997), a compreensão de gênero se constituem como elemento que se imbricam e são construídos ao longo de toda vida de muitos modos, por todos os sujeitos, compostos e definidos por relações sociais e moldados pelas redes de poder de uma sociedade.

Sendo assim, é importante pensar na Educação de Jovens e Adultos, modalidade que ampara e norteia este estudo, como campo recheado de especificidades, predominando um público diverso - heterógeno em todo seu contexto de pluralidades. E são estes elementos preciosos para se trabalhar as

relações de gênero em âmbito educacional.

Entretanto, abordar esta temática em nossa sociedade, é um imenso desafio, pois implica na desconstrução de diversos conceitos patriarcais e machistas que fazem uma leitura superficial da realidade social, negando a multiplicidade e diversidade cultural, resultando daí inúmeros preconceitos, com sérios impasses para a construção do saber em processo formativo. Neste tocante, o que nos instiga e nos move neste estudo é vivenciar uma EJA no campo das possibilidades, em relativamente construir com e para os/as partícipes espaços formativos nas relações de gênero.

Nesse sentido, no campo das possibilidades assumimos o desafio de enveredar pelos caminhos dessa temática para e com a Educação de Jovens e Adultos. Na perspectiva de compartilharmos processo formativo em caráter da colaboração interventiva, com sentidos itinerantes de problematizar os diversos saberes – experiências, nos diferentes contextos em que estão inseridos os/as partícipes deste estudo.

Acreditamos ser pertinente a justificativa de uma pesquisa em educação, problematizações que entrelacem as relações de gênero na EJA, por ter o potencial de contribuir com a quebra de um silêncio que é legitimado pela sociedade e pela própria comunidade acadêmica e, assim, propor novas formas de refletir, sentir, e vivenciar ações práticas formativas frente às temáticas em sua implicação eminente com a modalidade.

Em face do exposto, com a intencionalidade de compartilhar processos formativos da referida temática na modalidade, o objetivo da pesquisa concerne em analisar, colaborativamente as possibilidades de construção da temática de gênero na modalidade de EJA. Como objetivos específicos, elencamos: a) Identificar os sentidos de gênero na perspectiva dos partícipes do estudo; b) Problematizar coletivamente com os/as partícipes, percepções dos posicionamentos de gênero.

Neste tocante, para levar adiante a presente proposta de estudo, a metodologia escolhida foi a de uma pesquisa de inspiração colaborativa e em caráter intervencionista, por intermédio do diálogo construtivo na ²Escola Municipal São Gonçalo do Retiro da periferia de Salvador– BA, com finalidade de desenvolver um estudo não limitado apenas na compreensão do fenômeno, mas com real

²Esclarecemos que tivemos autorização da escola para divulgação do seu nome de origem.

possibilidade de efetuar intervenções coletivas na realidade observada e demonstrar as possibilidades de construção das temáticas na modalidade EJA.

Sendo assim, coloco-me nesta escrita ao lado daqueles/as³ que tomam a posição de questionadores/as, que assumem os riscos e, acima de tudo, parto do reconhecimento de que enquanto educadora tenho um compromisso social e político com a desconstrução das desigualdades e na naturalização hegemônica, que emergem a todo tempo em nossa sociedade. Coadunando com o sentido de pesquisa de Freire, “Diante da assunção de posição de sujeito na história, concebendo que pesquiso para constatar; constatando, intervenho; intervindo, educo e me educo e que pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar uma novidade” (FREIRE, 1996, p. 55).

O presente estudo intenciona contribuir para despertar o interesse por tal temática no campo da Educação na modalidade da EJA, no entrelaçar da sala de aula no dia a dia da escola, no questionamento eminente do lugar dessa temática para a modalidade como legitimidade de um instrumento pedagógico.

1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA COLABORAÇÃO: INTERVENÇÃO, PESQUISA E FORMAÇÃO

Os percursos e o empenho para a formação devem ser concebidos para responder às demandas de uma sociedade na qual o “ato de pesquisar” significa a produção de novos saberes, significa o ato de um aprendizado contextualizado nas lógicas de partida e de chegada. (AQUINO, 2009, p.136).

Apresentamos como epígrafe as palavras descritas por Aquino (2009), por compreendê-las como escopo que afloram o tocante de nossos impulsos e desejos no desafio eminente de compor uma pesquisa formativa na produção de sentidos e saberes da temática de gênero. Nesta dimensão, compartilhamos neste espaço metodológico um trabalho colaborativo que coadunou com finalidades práticas interventivas e em processo de dialogicidade possibilitou vivenciarmos com os/as partícipes deste estudo a construção formativa da temática de gênero na e para a Educação de Jovens e Adultos.

A dimensão desta pesquisa tem por alicerce a abordagem colaborativa na

³ Na composição da escrita desta pesquisa, utilizamos linguagem que enfatiza marcadores de gênero, para assim coadunar com os sentidos das temáticas as referências respectivamente feitas ao feminino e masculino.

modalidade de pesquisa-formação em caráter intervencionista, pois a nossa pretensão não é desenvolver um estudo no âmbito apenas da compreensão do fenômeno, mas desejamos também realizar intervenções práticas colaborativas na realidade observada.

Neste sentido, Desgagné (2007, p. 23), pontua que, em âmbito formativo, o “[...] objetivo mais amplo da abordagem colaborativa visa à construção de uma cultura comum, resultante do processo de mediação entre a pesquisa e a prática, onde os conhecimentos construídos em colaboração levam em conta tanto os limites quanto os recursos desses dois mundos”.

Em face do sentido prático colaborativo, Ibiapina (2013) contextualiza que a pesquisa colaborativa procura não apenas descrever e explicar as ações vivenciadas pelos participantes no contexto da sala de aula, mas, também, interferir em sua prática pedagógica, possibilitando sua reconfiguração de modo reflexivo e colaborativo. Neste estudo, a amplitude colaborativa constituiu em possibilitar aos partícipes nas atividades práticas, dimensões formativas em problematizações da temática de gênero na EJA.

Nesta dimensão de envolvimento dialógico em espaços formativos, salientamos que as pesquisas que contemplam abordagem colaborativa se norteiam em um processo de ação educativa com viés de problematizações, criticidade e participação coletiva. Nesse sentido, planejamos à organização sistemática dos princípios da: *Intervenção, Colaboração, Pesquisa-formação e Dialogicidade*. Trabalhamos com estes princípios por compreendê-los como elementos fundamentais e necessários para este trabalho de investigação, sobretudo como norteador em elementos que integraram nossas intencionalidades na sessão coletiva de diálogo.

O *Princípio da Intervenção* obteve o caráter pedagógico na construção da temática de gênero com os/as partícipes da EJA, por intermédio do diálogo construtivo na Escola Municipal São Gonçalo do Retiro de Salvador – Bahia. Nesta pesquisa a escolha pela intervenção, justificou-se por possibilitar a prática de intervenção e interação. Entendemos que, na pesquisa aplicada, utilizando o recurso da intervenção, não há respostas mecanizadas, prontas e engessadas. Como pesquisadoras com os/as partícipes da pesquisa, a proposta é de construção e criação nas realizações das atividades práticas.

Dessa forma, conforme argumenta Gil (2002, p. 17), “realizar a pesquisa pura, dissociada da pesquisa aplicada, é inadequado, tendo em vista que a ciência objetiva tanto o conhecimento em si mesmo quanto as contribuições práticas decorrentes desse conhecimento”. Logo, a intervenção com os/as partícipes da EJA assume uma posição pedagógica e dialógica, de modo que proporcionou maior visibilidade às ações, às práticas, instigando, na coletividade, as contradições e levantamentos de questões para a problematização.

Dessa forma, retomamos concepções de Freire (1992, p. 52), ao afirmar “[...] não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”. Assim, acreditamos que a intervenção em uma pesquisa aplicada é parte coabitante da colaboração, por isso vislumbramos a necessidade de aproximação de uma abordagem teórico-metodológica capaz de possibilitar, por exemplo, realização de atividades colaborativas na sessão coletivas de diálogo desenvolvidas com os/as partícipes envolvidos na pesquisa.

Neste tocante, o *Princípio da Colaboração* envolveu reflexões em torno de problematizações vivenciadas em coletividade, em um processo construtivo que proporcionou a expansão das atividades práticas desenvolvidas. Nesse estudo, este princípio foi utilizado, como mecanismo interventivo, a fim de possibilitar uma relação de confiança em aberturas dialógicas entre partícipes e pesquisadoras, para que expressassem suas contribuições e tenham abertura para expor suas concepções, ideias, vivências, anseios, questionamentos, conflitos, angústias, alegrias, medos, tabus, enfim, possam demonstrar seus pontos de aceitação ou divergências em relação ao processo colaborativo no qual estão envolvido/a.

Ibiapina (2016) esclarece que, em pesquisas colaborativas, além dos principais atores envolvidos diretamente na investigação, contempla-se todo o contexto social e cultural prático no qual se insere a investigação. “Em sentido lato, colaborar significa pensar-agir para criar possibilidades de compartilhamento das ideias, percepções, representações e concepções, com o propósito de criar, cujo questionamento central é a via do confronto, constitui princípios básicos da investigação colaborativa” (IBIAPINA, 2016, p.23).

O princípio colaborativo da *Pesquisa-Formação* viabilizou a expansão da temática de gênero em possibilidades de vivenciarmos em maior profundidade uma diversidade de percepções acerca do tema proposto. Essa expansão só foi possível

pela abertura colaborativa dos/as partícipes em aceitar positivamente problematizar espaços interventivos de formação dialógica, em expor seus questionamentos, percepções, reflexão, na construção de refazerem e fazerem percursos de formação nas relações de gênero.

Assim, o processo de pesquisa-formação foi utilizado na ideia de pesquisadoras e partícipes simultaneamente vivenciarem momentos de construção e pesquisa, nos sentidos das concepções das temáticas na EJA, o que coadunou com o processo de produção de conhecimento científico. Desgagné (2003) argumenta este processo de formação e pesquisa, como essenciais em estudos colaborativos, ressaltando que, embora apresentem natureza diferentes, entrecruzam-se, permanentemente, não havendo, portanto, possibilidade de desenvolver uma pesquisa colaborativa que não esteja engajada nesse compromisso formativo-investigativo.

No entorno das questões formativas destacadas pelo autor, o processo de pesquisa-formação nesse estudo coadunou com possibilidades construtivas, em que formulamos nossas percepções (pesquisadoras e partícipes) nas temáticas trabalhadas, articulando os saberes, as vivências socioculturais dos colaboradores deste estudo. Em que os/as partícipes, puderam colocar seus pontos de vista suas concepções no processo de pesquisa-formação, em específico nos sentidos vivenciados pela temática gênero.

Em âmbito formativo, enfatizamos a *Dialogicidade*, na dimensão de vivências de intervenção-formação, em que não houve espaços de hierarquia, mas sim construção de ambiente dialógico em que tanto os/as partícipes da pesquisa, quanto nós enquanto pesquisadoras, produzimos relações baseadas em decisões compartilhadas e democraticamente discutidas. Todos/as tiveram espaços dialógicos para colocar as impressões, compreensões, concordâncias e discordâncias diante das temáticas problematizadas.

E, para isso foi primordial deixar claro as atribuições que concernem aos partícipes (o docente e alunos/as da EJA), negociando momentos a serem realizados no desenvolvimento das atividades da pesquisa. O diálogo, nesse processo, exerceu função fundamental, inerente à viabilidade de construção, norteado por questões éticas, com a finalidade de propor benefícios em conjunto com os/as partícipes, no âmbito das questões inerentes à relação de gênero. Sobre

esses princípios do processo colaborativo, Freire (1987, p. 166) explica:

[...] A co-laboração, como característica da ação dialógica, não pode dar-se a não ser entre sujeitos, ainda que tenham níveis distintos de função, portanto, de responsabilidade, somente pode realizar-se na comunicação. O diálogo, que é sempre comunicação, funda a co-laboração.

Assim, optamos nessa pesquisa por uma metodologia de inspiração freireana, em que o diálogo precede o encontro colaborativo entre professores e alunos. Segundo Freire (2005), a dialogicidade tem início quando o educador se pergunta em torno do que vai dialogar com os educandos. Diálogos que intencionem o despertar da consciência e posicionamentos de cada um para compreender as questões socioculturais que os/as rodeiam.

Diversos são os motivos que conduzem à execução de uma pesquisa colaborativa. Ibiapina (2016) pontua a possibilidade de aproximação das relações estabelecidas entre os pesquisadores que atuam representando a universidade e os professores representando as escolas. Para este estudo, a consolidação de atividades práticas colaborativas trouxe a essência da diversidade de percepções dos/as partícipes da EJA em problematização das temáticas trabalhadas.

Em face disso, estes momentos colaborativos possibilitaram um processo de articulação de investigação acadêmica (pesquisadoras) e a comunidade escolar (partícipes da pesquisa). No sentido, de coadunar um processo formativo simultâneo e, assim, assumimos a tarefa de construir caminhos, de colaborar na construção de novos sentidos das relações de gênero para e essencialmente com a Educação de Jovens e Adultos.

2 APROXIMAÇÕES COM O CENÁRIO DA PESQUISA E OS PRINCÍPIOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM TRABALHO COLABORATIVO

A instituição em que desenvolvemos a pesquisa é uma Escola Municipal, localizada em Salvador capital do Estado da Bahia. A Escola São Gonçalo do Retiro oferece Ensino Fundamental I nos turnos matutino e vespertino e Educação de Jovens e Adultos no noturno.

Nesta dimensão, a opção por essa escola se deu essencialmente pela abertura e demanda da escola para abarcar as temáticas na modalidade. Ademais, constatamos que neste espaço há uma fervorosa relação de prática em

cumplicidades integrativas, em relações postas com alunos/as da Educação de Jovens e Adultos.

Nos entrelaces desta pesquisa, trilhamos caminhos da *sessão coletiva de diálogo*. A escolha deste dispositivo se constitui no intuito de trabalharmos o teor formativo - interventivo, possibilitando momentos de dialogicidade nas relações de gênero com os/as partícipes da pesquisa.

Tal procedimento está ancorado na perspectiva de atividades colaborativas, o que contribuiu para a sintonia entre pesquisadora e os/as partícipes e uma possibilidade para estabelecer relação de confiança em problematização de situações da temática vivenciadas pelos partícipes, o pensar cônica e, nesse sentido, a práxis. Coadunamos com o sentido de práxis como “[...] derivada da ação dialógica e, sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação” (FREIRE, 2005, p. 106).

Em viés educacional, as atividades práticas colaborativas surgem na atualidade como viabilidade metodológica concreta na vida daqueles que desejam mudanças e transformações imediatas nas práxis pedagógicas.

Nesse sentido, ao optarmos pela realização da sessão coletiva de diálogo, investimos em um procedimento colaborativo que possibilitaria atender às demandas percebidas, em posicionamentos de ideias e concepções dos/as partícipes, pois compreendemos que nesta pesquisa os espaços formativos foram constituídos pela autonomia colaborativa.

A seguir, apresentamos um quadro que sintetiza a sessão coletiva de diálogo - SCD realizada com os/as partícipes, na composição de seu respectivo objetivo e centralidade do tema.

Quadro 1 - Sistematização das sessões dialógicas coletivas

SCD	Objetivos de formação-intervenção	Objetivos de pesquisa	Centralidade do tema ponto para problematização
Diversidad e e relações de gênero na EJA – ser homem e ser mulher uma construção	Problematizar as relações de gênero na construção das masculinidades e feminilidades, em diversos âmbitos sociais.	Compreender colaborativamente concepções de masculinidade e feminilidade em diversos âmbitos sociais.	Relações de gênero, conceituando as construções de feminilidades e masculinidades na EJA; Problematizando com os/as partícipes as relações de gênero em âmbito profissional/doméstico em entrelaces e perspectivas sociocultural; Diversidade versus EJA, a construção da Masculinidade e Feminilidade, em diversos âmbitos formativos e posicionamentos sociais.

Fonte: Produzido pela pesquisadora em 2018.

3 RESULTADO E DISCUSSÃO - RELAÇÕES DE GÊNERO NA EJA: DIÁLOGOS COLABORATIVOS PARA A FORMAÇÃO COM OS/AS PARTÍCIPES

ALEX: Falar dessa temática é voltar para nossas vidas, escolhas, vivências. Muitas vezes na sala a gente sempre discute sobre gênero, mas agora com esses encontros faremos isso com mais propriedade. Não para dizer o que é certo ou errado, nem apontar qual caminho seguir, mas apresentar possibilidades de vivenciar as temáticas.
(ALEX, professor da turma)

A partir da epígrafe proferida pelo partícipe Alex⁴, impulsionamos a feitura deste capítulo, ressaltando o sentido de construção colaborativa como elemento essencial vivenciado neste estudo. Construções que contemplaram o âmbito dos saberes, partilhadas em momentos de simultânea aprendizagem entre pesquisadoras e partícipes, em sintonia com o engajamento no campo das possibilidades em vivenciarmos as relações de gênero em âmbito formativo.

Neste sentido, com foco nos objetivos da pesquisa que condizem em problematizar a temática com e para a EJA na finalidade de possibilitar aspectos

⁴ Alex é o professor regente da turma de EJA, suas atribuições, e colaboração em todo o processo de pesquisa, ocorre simultaneamente, seguindo as mesmas finalidades dos/as demais partícipes do estudo. Os nomes representados na feitura dessa pesquisa são fictícios respeitando o anonimato dos/as partícipes.

formativos, explicitamos o resultado do estudo colaborativo, mediante discussão e sistematização na integridade das falas dos/as partícipes da pesquisa. Buscamos uma análise dos dizeres que procurassem expressar, o compartilhamento de ideias, conceitos e percepção que serviram para refletir os anseios, desejos, impressões e possibilidades expressas e partilhadas de vivências de gênero na EJA.

Sendo assim, de acordo com Fischer (2002), o discurso ultrapassa a simples referência a “coisas”; ele é produzido para além da mera utilização de letras, palavras e frases, ou seja, ele não se resume ao simples signo linguístico, mas apresenta regularidades intrínsecas a si mesmo. Nessa perspectiva, partimos agora para analisar dizeres implicados na construção dos saberes, em aspectos da diversidade humana, por meio da qual é possível definir uma rede conceitual discursiva que, conectada a um processo dialógico - interventivo, viabilizou a constituição de percepções da temática pelos/as próprios partícipes do estudo.

4 DIVERSIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA EJA – SER HOMEM E SER MULHER UMA CONSTRUÇÃO

Questão Dialógica Interventiva: Como a sociedade influenciou e/ou influência sua construção no modo de ser homem e no modo de ser mulher?

Gênero pode ser entendido como uma ampliação do conceito puro e simples de ser homem e de ser mulher, contudo, vai muito além pois, leva em conta a percepção do sujeito a respeito dele mesmo, de como vive sua sexualidade da forma como sente prazer e de como se apresenta diante de uma sociedade interessada em como o indivíduo vivencia suas relações familiares, afetivas, religiosas, dentre outras dimensões sociais.

Podemos inferir que as relações de gênero, são acima de tudo, uma construção social e como tal recebem influências diversas de todo o contexto em que o indivíduo está inserido. Assim, falar desta temática é antes de tudo, falar de pluralidade e de diversidade. Falar de rótulos, estigmas, preconceitos, naturalização, normatização, engessamento, homogenicidade, heterogeneidade, incompreensão e também de possibilidades de construção. As contribuições nos dizeres dos/as partícipes condizem com uma construção diversa nas relações de gênero.

ROQUE: Eu fui criado na roça, tinha irmãs e irmãos, mas minha mãe não deixava nós os meninos fazerem coisas de casa, nois tinha que ir para a roça, cuidar da terra. Então minha mãe foi ensinando a gente que lugar de homem não é na cozinha e nem cuidando de casa, meu pai era muito bruto, ele falava que homem tem que fazer coisa de homem trabalhar e sustentar a casa. Eu vejo que na minha casa eu acabo repetindo a mesma coisa que meu pai e minha mãe fizeram comigo, sou muitas vezes bruto.

MILTON: Eu fui aprendendo a ser homem com minha família, na escola, na igreja e nas brincadeiras de rua. Em casa já falam logo o tipo de roupa que é de homem, a postura, o andar, e na escola a gente já faz nosso grupo de meninos já brinca com nossa bola, nosso jogo de luta. Então todos os espaços que a gente vai passando, vão ensinando a gente a ser homem.

ANGELA: Eu fui criada sem pai, então desde muito cedo tinha que me virar com minha mãe e meus irmãos, porque eu sou a mais velha. Trocar lâmpada, torneira, assentar uma pia de cozinha, trocar chuveiro e muita atividade que o povo fala que só o homem quem faz lá em casa era eu e Mainha quem fazia. Quando tinha marido na minha casa permaneceu assim eu não esperava meu marido chegar do serviço, para fazer minhas coisas. Fui aprendendo e mim construindo mulher nos vários tropeços da vida, uma vida dura difícil, mas valeu apenas, hoje eu me orgulho da mulher que sou.

GLÓRIA: Eu sou mulher, trabalhadora e agora estudante. Gosto de cuidar da casa mas gosto de ser cuidada também. Fui criada para ser doméstica dondoca, mas trabalho fora e estudo. Sempre fico pensando em como posso ser, em como posso viver bem. Ser hoje uma mulher submissa a homem, a filhos me traria uma infelicidade enorme.

ALEX: Penso que a gente vai se construindo homem em todas as instancias sociais. Eu tive uma doutrina cristã onde o homem é criado para ser parceiro, um colaborar em casa, na criação dos filhos. Meu pai era assim então logo, fui aprendendo a ser assim também. Confesso que ser um homem neste estilo é difícil pois sempre somos julgados por ser diferente da norma, do padrão de homem machista e autoritário.

Em face das falas acima apresentadas, evidenciamos que, de fato, as relações de gênero estão plenamente conectadas como uma construção social e como tal estão na dependência do meio em que os/as partícipes vivem nos diferentes espaços que foram os constituindo. Assim, há uma pluralidade de vivências culturais em suas falas que demonstram que gênero tem um sentido sociocultural. Respaldamos o sentido de cultura apresentado por Freire (2011, p. 38) “O homem e a mulher enchem de cultura os espaços geográficos e históricos. Cultural é tudo o que é criado pelo homem e pela mulher. A cultura consiste em recriar e não em repetir. Homens e mulheres podem fazê-los porque tem uma consciência capaz de captar o mundo e transforma-lo”.

Nesta lógica cultural apresentada pelo autor, a fala de Roque, por exemplo, chama atenção pela influência de sua mãe e o do pai na sua formação. A fala de Milton é reveladora de como as relações sociais impactam na construção de gênero

chamando atenção a influência da Igreja e dos amigos e Alex nos lembra que ser um homem-parceiro causa espanto em uma sociedade ainda essencialmente machista.

Sendo assim, Louro (2000, p. 10) considera que “[...] a inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura”. E, para nosso estudo, a compreensão dessas marcas culturais esteve impressas nos diferentes contextos em que os/as partícipes foram e estão se fazendo ao decorrer das facetas da vida. Assim, vamos nos constituindo homens e mulheres em meio as relações histórica, social e cultural, fazendo-se, tornando-se e constituindo nossas masculinidades e feminilidades.

Em face das relações sociais de gênero, nos dizeres aqui apresentados em fazer-se homem e fazer-se mulher, privilegiamos percepções desta temática como algo não apenas ou estritamente ligado ao desempenho de papéis masculinos ou femininos, mas sim ligado à produção dos saberes desses partícipes, homens e mulheres em suas múltiplas vivências e construções nas relações de gênero expressas em suas falas. Pinto (2010) esclarece que o saber é conjunto dos dados da cultura que se têm tornado socialmente conscientes e que a sociedade é capaz de expressar pela linguagem.

Esta expressão esteve impressa essencialmente na diversidade dos seus respectivos contextos formativos, os quais foram fundamentais para sua construção a saber família, pai, mãe, igreja, esposas, maridos, lar, enfim uma –pluralidade – de mulheres e homens no interior de suas relações e práticas sociais.

Seguindo esta lógica de pluralidade na construção de gênero, Meyer (2012) apresenta esta temática como um elemento essencial no processo de construção das distinções entre homens e mulheres, seja através da sociedade e da cultura, com as instituições, símbolos, normas, seja através da linguagem. Sendo assim, para que haja nas escolas de EJA problematizações que expressem os sentidos de gênero ressaltada pela autora e faz-se essencial haver abertura dialógica na constituição de uma educação cultural. Os artifícios utilizados neste estudo deram abertura para expressão dos mais diversos dizeres das relações de gênero na EJA.

Nessa ótica Pinto (2010, p. 31), apresenta a educação como um fenômeno cultural. Não somente os conhecimentos, experiências, usos, crenças, valores etc. a

transmitir ao indivíduo, mas também os métodos utilizados pela totalidade social para executar sua ação educativa são parte do fundo cultural da comunidade e dependem do grau de seu desenvolvimento.

Portanto, ao analisar as problematizações desta sessão podemos inferir que, de fato, vivenciamos uma construção do conhecimento de gênero em um processo social e histórico, que estiveram literalmente conectados ao grau de envolvimento dos/as partícipes em seus dizeres da temática, que em âmbito educacional condizem com itinerantes e distintos percursos de formação nos quais estão literalmente inseridos e/ou envolvidos.

Questão Dialógica Interventiva: Nas relações domésticas/profissionais, você considera que existam pontos de desigualdade entre homens e mulheres? E como essas situações afetaram e/ou afetam sua vida?

Em uma sociedade ideal, sonho de todos nós, todas as pessoas são tratadas de maneira igual com iguais direitos, deveres e obrigações sendo reconhecidas pelo esforço e pelo mérito não devendo ser rotuladas/classificadas, levando-se em conta aspectos relacionados puramente ao gênero. Entretanto, é fácil observar que em todos os âmbitos sociais desde as relações domésticas passando também pelas profissionais as questões relativas ao gênero são utilizadas para validar atitudes de tratamento desigual entre as pessoas e isso afeta a vida de todos e todas, inclusive no processo de formação.

Ultrapassar esse sistema injusto é desafio permanente para todos nós. E nesta lógica de desafios, apresentamos a seguir dizeres que condizem espaços sociais e formativos de transgressão, quebra de paradigma; naturalizações e sentidos restrito de permanências, elementos impressos nas relações vivenciadas pelos/as partícipes deste estudo, a saber:

GLÓRIA: Existe e muitos pontos de desigualdade. Meu trabalho é em obras de construção eu sou ajudante na construção de casas, apartamentos etc. trabalho fazendo massa de cimento, reboco, pinturas e tantas outros serviços mais pesados que surgirem. Aprendi com meu pai e sigo na profissão. Construí minha casa, e agora trabalho na construção da casa dos outros. Sou pai e mãe dos meus filhos, tenho maior orgulho do que faço. Mas no trabalho sempre sofro preconceito, geralmente primeiro eu sempre preciso me impor entre os homens, impor respeito, sabedoria, agilidade. Depois que eles passam a me conhecer aí já era o trabalho fluiu muito bem. É difícil ser mulher trabalhadora de uma profissão masculina, pois além dos preconceitos, nem sempre recebo o mesmo que meus colegas de trabalho. Depende muito da empreitada e de quem está no comando. Sei que tenho capacidade para ser chefe de obra, mas por eu ser mulher vai ser difícil contratarem meu serviço. O preconceito como vocês trazem nesta atividade

é construindo nas relações de poder e ele para as mulheres trabalhadoras ainda é muito grande. Por isso que além de trabalhar estou aqui na EJA, porque o estudo clareia mais essas questões deixa a gente mais esperta.

Analisando a fala transcrita por Glória, podemos dizer que o trabalho é a maneira pela qual homens e mulheres conquistam o seu sustento e o sustento de sua família. Nesse contexto o/a trabalhador é aquele/a que vende sua força de trabalho em troca de uma remuneração. Ao trabalhar, as pessoas modificam a sociedade e o meio em que vivem construindo novas realidades ao mesmo tempo em que modificam a si mesmos. Pinto (2010, p.82) ressalta que “o trabalho expressa e define a essência do homem em todas as fases de sua vida (da infância à velhice), mas é no período adulto que melhor se compreende seu significado como fator constitutivo da natureza humana”.

Nesse contexto, relações de trabalho *versus* escola é algo muito pertinente na Educação de Jovens e Adultos, pois são, em sua maioria, discentes trabalhadores/as e isso requer da escola um mecanismo de ensino que se adapte à necessidade de utilização de variadas linguagens: oral, escrita, cognitiva, tecnológica, o que requer da escola um novo perfil de formação profissional do trabalhador/a, com novas habilidades e competências para a formação humana em âmbito pessoal e social. Logo, Pinto (2010, p. 86) salienta que “[..] o educando adulto é antes de tudo um membro atuante da sociedade. Não apenas por ser um trabalhador, e sim pelo conjunto de ações que exerce sobre um círculo de existência”.

Sendo assim, analisando os dizeres de Glória, veremos o que Louro (1997) aponta sobre os mecanismos de reprodução das sociedades, em que ainda parece consenso que sob a bandeira do respeito às diferenças se legitimam relações desiguais entre homens e mulheres. É importante enfatizar que as sociedades condicionam definição de funções para homens e mulheres, e que, em sua maioria, se volta em critérios rigorosos, preconceituosos, classistas e racistas, que, apesar da contribuição dos estudos feministas, ainda permanecem inquestionáveis e pouco alteradas no tempo; são incorporadas e repassadas às novas gerações como elementos naturais.

O depoimento de Glória também faz refletir posicionamento transgressor, ao ocupar espaços demarcados no campo de trabalho para a masculinidade hegemônica. Assim, Foucault (2002, p. 29) auxilia a pensar nesta questão, ao

salientar que, a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: “podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa”.

Neste teor, validamos o espaço da sala de aula, com os sujeitos da EJA para desconstruir as desigualdades de gênero e buscar construir o espaço formativo que atravessam essas temáticas. Assim, este relato exemplifica a mulher que trabalha, vai à luta e tenta romper com o preconceito no mundo do trabalho. Mas não só isso Glória, demonstra uma recíproca valorização dos estudos para assim integrar sua formação em seus saberes, pois este clareia e deixa mais esperta.

Seguindo esta conexão do saber posto nos estudos salientado por Glória, Pinto (2010, p. 80) enfatiza que “a necessidade de proporcionar um determinado conteúdo de saber obriga a ampliar área da educação além daquela intencionada. A educação é por natureza difusa, isto é, rompe, transcende todo limite que lhe seja imposto e se diversifica em ramos colaterais”.

Questão Dialógica Interventiva - Possibilidades de Permanência versus Mudança. Atualmente podemos dizer que existe uma diversidade de homens e mulheres e que nesta construção pode haver inversões de papéis e posicionamentos sociais?

Felizmente, nos dias de hoje, a sociedade já vislumbra possibilidades de mudança em relação à aceitação social dos posicionamentos de gêneros, mediante a percepção de que de fato há uma diversidade de modos de ser homem e de ser mulher o que longe de ser algo nocivo para a nação enobrece e enriquece, já que propicia uma convivência em comunidade bem mais harmoniosa e saudável.

Vejamos agora dizeres de Alex:

ALEX: Na contemporaneidade em meio a espaços de poder, estreitamente normatizado e padronizado, percebemos claramente mudanças. Eu ainda acho que está ocorrendo lentamente, mas os meios de comunicação de uma forma geral ajudam muito. A escola quando adere projetos de intervenção como estes auxilia em mudanças bruscas na vida desses alunos, principalmente na EJA. Ajuda a entender que nada pode ser pronto, e que o papel que cada mulher e homem assume em casa no trabalho ou em qualquer outro ambiente que esteja inserido nunca deve estar pronto engessado, mas que tudo pode mudar e pode haver sempre uma inversão de papéis.

Logo, há por parte desse partícipe, posto em sua fala, o reconhecimento de que a escola tem um papel importante na formação de mentalidades mais

conscientes a respeito das concepções relativas ao gênero em um sentido construtivo em fazer-se homem e fazer-se mulher.

Entretanto, Roque e Lurdes ainda pensam em homem desempenhando funções tradicionais naturalizadas em sentido de soberania e força e para mulher o sentido funcional nas atividades domésticas e, especialmente Lurdes, lembra que ainda, que existam discursos em defesa da inversão de papéis, na prática, a desigualdade ainda permanece.

ROQUE: Eu penso assim, que mulher tem que fazer coisa de mulher e homem coisa de homem, não tem que misturar nada. Nos cuidados com os filhos, mulher já nasceu para ser mãe e um homem jamais terá os mesmos cuidados com o filho. Os homens são desajeitados para tudo em coisas de casa. Homem é bom para colocar dinheiro dentro de casa, para sustentar família e chamar atenção com voz firme dos filhos. Mas o resto não.

LURDES: Por mais que falem que tudo pode inverter, na hora de voltar para casa para o trabalho, a gente vê que fica tudo desigual, e cada um no seu quadrado. E, é por isso que está sendo importante falar sobre isso na sala, quem sabe em casa a gente não começa a fazer diferente?

Ao analisar esses dizeres nos respectivos saberes dos/as partícipes, Louro (2000), auxilia a analisar essa questão enfatizando seu entendimento das relações de gênero em se fazer e se refazer continuamente ao longo da existência, que são socialmente produzidos, portanto, são dependentes da história e das circunstâncias. A autora ainda argumenta que “[...] mulheres e homens produzem-se de distintas formas, num processo carregado de possibilidades e também de instabilidades, deste modo, pode haver e há muitas formas de ser feminina ou de ser masculino e reduzi-las todas a um conjunto de características biológicas resulta, seguramente numa simplificação” (p. 39).

Neste contexto, podemos singelamente afirmar que os dizeres expressos nas concepções dos nossos partícipes, trazem marcas da diversidade de percepções, e que, em espaços dialógicos constituídos, ficou evidente que existem permanências em papéis ou posicionamento desempenhando por homens e mulheres carregados de naturalização em cada um assumir a função e o espaço que lhe cabe, como também posicionamentos transgressores e construtivos, na divisão de tarefas ou mistura de afazeres domésticos, por exemplo.

Os espaços diálogos constituídos viabilizaram aberturas em que os/as partícipes em seus dizeres contemplaram posicionamentos de suas percepções frente às relações de gênero. Freire (2011, p. 84) ressalta a pertinência em constituir espaços para impulsionar a reflexão dos sujeitos em que “quanto mais for levado a

refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaço temporal, mais “emergirá” dela conscientemente “carregado” de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas deve intervir cada vez mais”.

A fala de Alex “[...] A escola quando adere projetos de intervenção como estes auxilia em mudanças bruscas na vida desses alunos, principalmente na EJA. Ajuda a entender que nada pode ser pronto”, este relato nos faz pensar na essência formativa que constituiu problematizar essas questões na Educação de Jovens e Adultos, a temática gênero está inteiramente atrelada a escola; e de fato coaduna sentidos que incitam mudanças e reflexão de vivências que é sempre relativo a contexto social e histórico da constituição de cada sujeito, podendo vir carregado de permanências, bem como entrelaçados a contextos de transgressão, mas que, sobretudo, são construtiva dos sujeitos e que depende, literalmente, do seu saber em seus respectivos espaços de formação.

Neste tocante os significados, posicionamentos, as permanências, possibilidades de mudanças, as inversões de papéis em atributos domésticos se fazem e estão na cultura, na história posta a cada partícipe em seus respectivos contextos formativos.

Como Alex ressalta, “[...] não está pronto e finalizado”, e isso integra literalmente uma educação da infinitude em que, para Freire (2011, p. 30), “a educação é possível para o homem e para a mulher, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o à sua perfeição.

Sendo assim, na lógica formativa de constante busca para construção do conhecimento, em face de sermos inacabados, acreditamos que ter vivenciado possibilidades de problematizações dessa temática com e para os/as partícipes da EJA se constituiu na concretização do objetivo central dessa pesquisa, o que viabilizou partilharmos simultaneamente sentimentos e atitudes que condizem com alegrias, satisfação, construções, transgressões, e acima de tudo, as experiências formativas que estiveram efetivamente conectados a construção do conhecimento em respectivos contextos social, histórico e cultural.

CONCLUSÃO

A construção das considerações desta pesquisa, relaciona a rememorarmos ciclos de mudanças que se instalam nas várias facetas da vida, nos entrelaces de um estudo colaborativo, no desejo de constituir possibilidades em relativamente vivenciar as relações de gênero na e para a Educação de Jovens e Adultos.

Questionamentos e inquietações mobilizaram o processo de construção dessa pesquisa, diversos contextos e entrelaces nos permitiram refletir sobre a pertinência em discutir, dialogar e problematizar gênero com os/as partícipes da EJA. As falas que partilhamos sintonizaram o cenário de novas descobertas, aprofundamentos teóricos e reflexões sobre caminhos possíveis para essa investigação.

Tivemos o privilégio de dialogar, construir espaços formativos com sujeitos que efetivamente partilharam dizeres de muita maturidade e sabedoria, os quais foram falas impressas nos sentidos pessoais e profissionais que contemplam suas experiências de vida e que estiveram estreitamente sintonizadas à temática trabalhada.

Compartilhamos percepções de gênero que coadunam um sentido de fazer-se e refazer-se nas várias facetas da vida, no âmbito da construção que difere de uma cultura para outra e que está interligado ao contexto pelo qual os/as partícipes foram formados, foram se constituindo: em suas casas, em suas famílias, nas relações afetivas, em diferentes contextos sociais. Palavras como transgressão, permanência, mudanças, construção e formação ampararam a integração das nossas vivências de gênero com a EJA.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Maria Sacramento. Memórias da aprendizagem: a investigação de conteúdos significativos na organização curricular. In: FERREIRA, Adir Luiz (Org). **A escola socializadora: além do currículo tradicional**. Natal, RN: EDUFRN, 2009.
- DESGAGNÉ, Serge. O conceito de pesquisa colaborativa: a idéia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 29, n. 15, p. 7-35, maio/ago. 2007. Tradução Adir Luiz Ferreira Margarete Vale Sousa Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. A paixão de trabalhar com Foucault. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. RJ: DP&A editora. 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1996. 35 edição.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 46ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Eleta de Carvalho. Currículo, cultura e gênero: analisando os nexos. In: NASCIMENTO, Aristonildo Chagas Araujo. MOURÃO, Arminda Rachel Botelho. BORGES, Heloisa da Silva. PAIVA, Marluca Menezes. NOGUEIRA, Sílvia Regina Conde. **Anais do XX EPENN – GT Currículo**. Manaus: Editora Valer, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Editora Graal Ltda. 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. 176p.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Mel. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica. **Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica**, v. 1, p. 25-43, 2013.

_____. Reflexões sobre a produção do campo teórico-metodológico das pesquisas colaborativas: gênese e expansão. In: IVANA, Maria Lopes de Melo Ibiapina; Bandeira, Hilda Maria Martins; ARAUJO, Francisco Antonio Machado, organizadores. **Pesquisa colaborativa: multirreferenciais e práticas convergentes**. 2016. Livro 378 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Currículo, Gênero e Sexualidade**. Livro: Porto Editora, 2000.

MEYER, Dagmar E. Corpo, gênero e sexualidade: desafios para a educação escola. In: MEYER, Dagmar E. E ...[et al]. **Saúde, Sexualidade e gênero na educação de jovens**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete Lições sobre educação de adultos**. 16. ed. São Paulo, Cortez, 2010.